



Sob o signo do mal: os mitos sobre os judeus na imprensa periódica e na ficção do século XIX

Under The Sign of Evil: The Myths about The Jews in the Press and in the Fiction of the Nineteenth Century

Rafaela Mendes Mano Sanches*

Universidade Federal de Sergipe (UFS) | São Cristóvão, Brasil
rafaelamsanches@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa as representações dos judeus nas páginas da imprensa fluminense em meados do século XIX a partir da imagem histórica dos israelitas como povo errante e marginal, cuja condição de apátrida oferece um desafio aos ideais identitários da nação. Consonante ao discurso antissemita de longa tradição na literatura do Ocidente, as manifestações artísticas e literárias em repercussão nos jornais ajudam a configurar os estereótipos que cerceiam o imaginário sobre os hebreus, dentre as quais se destacam o romance-folhetim *O judeu errante* (1844), de Eugène Sue, e o romance histórico *As minas de prata* (1865), de José de Alencar, obras de considerável circulação e expressão junto à imprensa fluminense e aos letrados da época. Propomos investigar o referencial crítico sobre o judeu que não se faz representar apenas pela tradição literária, mas também pelas discussões que alimentavam o momento de sua produção e que constituem chaves de leituras para interpretar os possíveis sentidos da temática judaica.

Palavras-chave: Judeus. Folhetim. Imprensa.

Abstract: This study analyzes the representations of the Jewish people in the pages of Rio de Janeiro press during the mid-nineteenth century, from the historical image of the Israelites as wandering and marginal people, whose stateless condition offers a challenge to the identity ideals of the nation. In line with the traditional anti-Semitic discourse in Western literature, artistic and literary manifestations widely reported in newspapers contribute to set up the stereotypes that restrict the imaginary about the Hebrews, among which stand out the feuilletonistic novel *O judeu errante* (1844) [*The Wandering Jew*], by Eugène Sue, and the historical novel *As minas de prata* (1865) [*The Silver Mines*], by José de Alencar, works of considerable circulation and expression in Rio de Janeiro press and among the literate people at the time. We aim to investigate the critical framework on the Jew, represented not only in literary tradition, but also

* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, realizando estágio pós-doutoral em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe.



in the debates that nourished the moment of his production and serve as readings keys to interpret the possible meanings of such a theme.

Keywords: Jews. Feuilletonistic novel. Press.

Introdução

No Brasil de meados do século XIX, os homens de letras esforçam-se por construir os elementos identitários da formação da nação e de sua história, cujo processo de escrita e rescrita pretendia estabelecer os vínculos paradigmáticos entre a esfera política e a cultural sob os influxos da concepção de povo, território e religião, que influenciam e determinam o discurso da nacionalidade e de sua especificidade. Nesse âmbito, o povo judeu passa a ser ponto comum de debate e de investigação constante na ficção e na imprensa periódica. O interesse pela cultura judaica e por sua participação no processo de colonização do Brasil origina-se junto aos avanços políticos e territoriais que esse grupo conquista nos oitocentos.

O Brasil pós-independência é um país que procura consolidar seu espaço e história política, criando sua memória e seus representantes pátrios a partir de uma construção ideológica contínua entre o passado colonial e o presente do Império. Com efeito, o ideal de unicidade e coerência que reveste o plano identitário é tensionado pela temática da imigração de determinados povos, sobretudo, dos judeus, grupo-étnico que tange às preocupações desse momento, por serem estigmatizados e professarem uma religião distinta do cristianismo, o que desafiaria os construtos de brasilidade forjados para o momento, e marcados, principalmente, pelo catolicismo e pelo sentimento de pertença à pátria. Por sua vez, os israelitas seriam encarados como sujeitos apátridas o que expressaria a crise do projeto nacional.

O judeu é considerado, pelo imaginário cristão, um personagem imigrante por excelência. Pelos fatores inerentes a tal categorização, eles incomodam as frouxas e ainda frágeis concepções de nacionalismo. O conceito do que é ser brasileiro ainda estava indefinido. Assim:

O homem marginal [...] constitui-se em uma presença frequentemente incômoda à sociedade. Seu desprendimento e postura crítica geram, muitas vezes, demonstrações de rancor e hostilidade que, aliados ao etnocentrismo, irão propiciar a formação de imagens estereotipadas e de mitos a seu respeito.¹

¹ BERGERMAN, 2013, p. 24.



Junto às polêmicas do contexto local, a publicação do romance *O judeu errante*, em 1844, na imprensa fluminense reacende a temática do judeu como povo amaldiçoado, depositário das simbologias do mal que cerceiam o imaginário sobre os hebreus, fornecendo, então, o referencial crítico para a posição ideológica dos letrados no Brasil e outras obras da época.

O folhetim de Sue, de ampla circulação nos periódicos brasileiros, ajuda a difundir entre os brasileiros as tensões político-religiosas da França, influenciando sobre o antissemitismo que se imprime em algumas obras literárias do período, tais como *As minas de prata*, de José de Alencar. Considerando-se os propósitos do romance de Alencar de reconstruir o ambiente do século XVII e as misturas étnicas e culturais do passado, como forma de investigar as origens da nação brasileira, a prosa, sensível à imagem mítica dos judeus, coloca suas personagens hebraicas sob o signo de Ahasverus, o judeu amaldiçoado à errância eterna que concentrou a desconfiança das ideologias civilizatórias ocidentais em torno dos israelitas, o que parece ecoar, em alguma medida, aspectos da trama de Sue e de sua atmosfera conspiratória.

Desse modo, o folhetim francês se estabelece como modelo da narrativa alencariana. Transitando entre a imprensa e a ficção, os judeus estampam nas páginas dos jornais e, por entre diferentes meios e discursos, deixam entrever os problemas ideológicos da busca de uma unidade nacional. Os entraves que suplantam a ideologia nacionalista são expostos, revelando o quão delicado era a condição do horizonte identitário, à medida que se busca solucionar as querelas do ideal de povo da época.

A partir da repercussão de *O judeu errante*, de Eugene Sue, no Brasil, investigaremos as imagens negativas dos judeus sob os estigmas de apátridas, não-cristãos, errantes, concentradas na simbologia do eterno peregrinar dos hebreus, com vista a reconstituir os mitos negativos que servem para estigmatizá-los e servir aos suposto interesses da nação. Propomos um cotejo entre os romances de temática antissemita e de sua esfera artística e cultural e as propagandas sobre os hebreus veiculadas pela imprensa fluminense oitocentista, o que permite trazer a lume os debates ideológicos e as soluções gestadas para resolver os problemas da política Imperial.

1 O judeu errante e o antissemitismo: as raízes do sujeito amaldiçoado

A literatura antissemita reacende-se no XIX, principalmente, com a circulação de *O judeu errante*, publicado na França e, posteriormente, no Brasil, em 1844. Segundo Leroy, os traços arcaicos do antijudaísmo são distintos, em parte, dos traços do antissemitismo “moderno”, reinventado no final da Monarquia de Julho, que reveza com os traços antigos de forte conotação religiosa “uma ideologia econômica e um



discurso racista”.² Esses aspectos ganham proporções na dialética entre imprensa nacional e internacional.

Aliás, no início da década de 1820, os judeus já aparecem em romances históricos, como no *Ivanhoé*, de Walter Scott, e, posteriormente, em peças de teatro, e nas artes plásticas, acompanhados quase sempre de interpretação e representação estigmatizada. Essa ressignificação e adaptação da temática judaica nos mais diversificados gêneros atesta o consumo desse assunto no século XIX.³

Com a publicação de Eugène Sue, o folhetim fomenta a referência à tradição dos judeus e à história do judeu errante, redimensionando os possíveis sentidos simbólicos deste mito, que tem como protagonista em várias de suas versões o judeu Ahasverus.⁴ Reinterpretada intensamente no século XIX, a figura do hebreu que

² LEROY, 1999, p. 248.

³ Na França, levantamos circulan as seguintes produções: *Le juif errant*, drame de Pierre Merville et Julien de Mallian: costumes et décors, 1834; *Le nouveau juif errant: comédie en trois actes, mêlée de chant*/par M. Varner, 1846; *Légende du Juif-Errant*, par J. Collin de Plancy, 1847; *Le juif errant*, opéra de Scribe, Saint-Georges et Halévy, 1852; *Le juif errant: esquisse de décor de l'acte III* / Charles Cambon, 1852; *Critique du Juif-errant: Roqueplan embêté* par Jules Janin, 1852; *Quadrille sur le juif errant* de F. Halévy pour le piano. Musard: [estampe] / Victor Coindre [sig.] [Paris, 1834]; *Brandus & Cie 103 rue Richelieu-1852* ; *Grande valse brillante sur le juif errant: opéra d'Halévy pour piano* par Fréd.ic Burgmuller: [estampe] / Victor Coindre [sig.] [Mayence, 1852] Mayence, les fils de B. Schott-1852; *Théâtre de l'Opéra, Mlle Emmi La Grua, rôle d'Irène, dans "Le Juif errant"* / dessin de Marc, grav. de Fessart –1852; *La Mort du juif-errant, poème* par Édouard Grenier - L. Hachette (Paris)-1857; *Le Juif Errant*, par Mme Braquaval (Pauline L'Olivier), cantate couronnée par l'Académie royale de Belgique au grand concours de composition musicale de 1859, - P. Lethielleux (Paris)-1859. Disponível em : <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em : 1 mar. 2013.

⁴ “Durante a Quinta-Feira Maior e a Sexta-Feira da Paixão, o Judeu Errante aparece onde a morte de Jesus Cristo está sendo comemorada. É um velho alto e magro, muito barbado, cabelo comprido e com um manto escuro. É uma figura mais literária que popular, e as menções vão desaparecendo nas estórias orais. Não lhe dão, no Brasil, outro nome além de "Judeu Errante". Era sapateiro em Jerusalém, chamado Ahasverus, quando Nosso Senhor, com a cruz aos ombros, passou diante de sua tenda. O sapateiro deixou o trabalho para empurrar o Salvador, gritando: "Vai andando! Vai logo!" Nosso Senhor respondeu: "Eu vou e tu ficarás até a minha volta!" E o homem ficou, até hoje, andando pelo mundo, liberto da lei da morte, sem pressa e sem descanso. Espera o regresso do Senhor, que lhe deu a imortal penitência. A



maltratou Cristo e foi castigado recupera a discussão em torno dos significados do seu mito, o judeu como um indivíduo sem “terra”, o judeu como testemunha dos males, o judeu como um sujeito amaldiçoado. Sendo assim, a retomada e a reconstituição de suas adaptações e de seus significados se tornam relevantes, ao considerarmos que José de Alencar e seus contemporâneos estavam em profundo diálogo com o que se consumia e se divulgava na imprensa fluminense a partir das conexões e trocas culturais entre Paris e Rio.

No momento de produção da obra de Sue, a França já contava com versões do mito e, à guisa de ilustração, o “judeu errante” é recuperado na gravura de Gustave Doré e na epopeia “Ahasverus” (1833), de Edgar Quinet. Contudo, após a publicação do romance-folhetim, as recriações do mito ganham forças, sendo adaptadas para as mais diversas artes e gêneros. Dentre as várias reescritas, destacamos a de Alexandre Dumas, *Isaac Laquedem* (1853), nome que o judeu errante ganhou na França, tendo em vista que este autor possui enorme popularidade, ultrapassando as fronteiras da França. Porém, antes de Alexandre Dumas, Sue traria no tom folhetinesco a rearticulação e reestruturação da história do judeu errante numa adaptação ideológica e inovadora, em profundo diálogo com o que se publicava no século XIX e com a tradição deste mito.

Em *O judeu errante*, o diálogo com o mito é explicitado no capítulo em que aparece o personagem israelita, cujo nome “Judeu Errante” resgata a herança simbólica de Ahasverus e dá título à narrativa, relatando a origem de sua maldição. O personagem descreve o castigo que sofreu ao blasfemar contra Cristo, sendo impelido a vagar eternamente. A narrativa deixa ambígua tal relato, já que narrado em primeira pessoa, o personagem poderia se referir a sua própria história e, nesse caso, ele vagaria por séculos disseminando o mal sob a imagem de pestes, fato que permitiria à prosa incorporar a própria lenda, ou o personagem contaria sua trajetória para metaforizar a história de seus descendentes que também perambulam por distintos países e buscam reunir-se para herdar um fundo financeiro deixado por

tradição nos veios de Portugal. A lenda apareceu em Constantinopla, no século IV, e apareceu na Europa em 1228, quando um arcebispo da Grande Armênia, visitando a Inglaterra, disse no convento de Saint'Albans conhecer no seu país uma testemunha da paixão de Cristo, o judeu Cartaphilus, porque esmurrara o Salvador, quando esse era arrastado diante dele, e fora condenado a esperar sua volta. A notícia apareceu em 1259, Cartaphilus convertera-se, sendo batizado por Ananias, que também batizara São Paulo. A estória do monge Paris foi incluída no *Flores Historiarum* no seu colega Rogésio de Wendower, em 1237, nove anos depois, espalhando-se nos claustros e escolas, depois, pelos sermonários, até o povo que lhe deu as cores de sua compreensão. In: CASCUDO, 2002.



um parente arruinado e, assim, a narração seria figurada, indiciando e metaforizando os males que gravitam em torno da família judaica e, possivelmente, o final trágico de cada personagem.

Ora, não ocasionalmente, a narrativa constrói uma atmosfera de complô que retrata o grupo dos judeus. Os males já estariam indiciados na representação do Judeu Errante como disseminador do cólera. A cada retomada da epidemia, a imagem do sujeito amaldiçoado é reativada e potencializada proporcionalmente às recusas por sua absolvição e ao contínuo vagar figurado na sua propagação de doenças. A agonizante decadência de seus familiares, formando um quadro dramático na estrutura textual, coaduna-se com o castigo do judeu: escutar as lamentações e agonia dos povos. Assim, a morte de seus parentes pode ser interpretada como elemento alegórico de sua condição de portador do mal, lida como parte integradora do mito, ou como consequência da devastação por conta da figura de Ahasverus.

Jogando com o leitor e com a lenda, Sue reanima a história do povo judeu e a recoloca no cenário literário e político, discorrendo sobre questões atuais, como a conquista de poder político por parte dos semitas. Essas discussões tomam espaço no palco cultural, literário e político da imprensa no Brasil, sendo que o romance-folhetim de Sue proporciona várias adaptações e suas rearticulações com o mito.

Do outro lado do atlântico, a temática não apenas atingiria o romance *As minas de prata*, de Alencar, mas subsidiaria outras versões nas obras de Castro Alves, Fagundes Varela e Machado de Assis.⁵ Além do campo literário, o termo “judeu errante” prescreveria apropriações no campo político, de forma que o referencial crítico sobre esse povo não se faz representar apenas pela tradição literária, mas também pelas discussões que alimentavam o momento de sua produção e que constituem chaves de leituras para interpretar os possíveis sentidos da temática judaica.

Partindo do seu emprego no campo literário, o jornal *Correio Mercantil* publica o texto “Chateaubriand”, no qual narra as peripécias de um viajante, e, nesse caso específico, readapta a palavra “judeu errante” ao próprio propósito do viajante:

Era impossível lutar com um homem tão poderoso como era o agá. O viajante consolou-se pensando que passaria necessariamente diante de Troia, indo de Constantinopla a Jerusalém, e que então desembarcaria no Cabo Sigé. O mais urgente era continuar a derrota.

⁵ Castro Alves e Fagundes Varela reproduziram a lenda em poemas. O Ahasverus de Machado de Assis é personagem do conto dramático *Viver!*, publicado no livro *Várias Histórias*, de 1896.



Essa palavra “caminha!” que o anjo repete incessantemente ao judeu errante, não parece ser a senha do gênero humano? O viajante continuou a sua marcha. Um céu nublado e um ar frio, que pela primeira vez notou, lembrão-lhe a França, da qual sempre se tem saudades, mas da qual sempre se sabe.⁶

Nesse cenário, o personagem aparece relacionado à ideia de busca incessante, do caminhar na procura de um objetivo e, ao mesmo tempo, à imagem do viajante, do sujeito que perambula buscando uma pátria, o que é produto da tipificação do judeu peregrino.

Sob esta mesma perspectiva de apropriação, a rubrica “Folhetim” do *Correio Mercantil* traz uma autorreflexão sobre o fazer do folhetinista, comparando sua tarefa árdua com a do judeu errante:

A tarefa do folhetinista é, como todos sabem, a mais improba e difícil que tem a cumprir o escritor público. Não há para ele misericórdia tanto faz que seja novato nas fileiras do jornalismo, como general experimentado nas batalhas da imprensa.

[...] A mais leve falta converte-se a seus olhos n’um crime, e a pobre vítima é punida com todo rigor das leis, em presença dos tribunais supremos, que muitas vezes se levantam de improviso no meio das praças, e cuja sentença é rigorosa como o destino, e irreparável com a pena de morte. O desgraçado curva a cabeça, mas, quando tem a consciência do seu mandato prossegue no seu firme propósito, e como o Ahasverus do Judeu Errante, caminha, caminha!⁷

Em outros termos, o suplício do personagem errante se compara com a do próprio viajante, no primeiro exemplo, e com a do folhetinista no segundo, e, nesses contextos, é redimensionado para um significado positivo, ancorado na ideia de busca, de tentativa e de não desistência. Essa apropriação reforça a da tradição literária sobre esse povo, a qual fornece e representa os israelitas como sujeitos imigrantes. A despeito dessas apropriações serem menos estigmatizadas, ainda assim, os termos movimentam representações que seriam adequadas negativamente ao contexto do Brasil.

À guisa de ilustração, do espaço literário o termo migra ao político e, mediante suas ressignificações, é apropriado para se referir e reportar a adversários políticos de

⁶ CORREIO MERCANTIL, 22/10/1848.

⁷ CORREIO MERCANTIL, 24/10/1851.



modo pejorativo ou mesmo nomear cargos e posições negativas diante dos referentes construídos.

A dimensão disfórica e pejorativa da expressão enunciada em diferentes momentos do espaço da imprensa ganha relevo ao passar a designar o cólera, que na época assola a população do Rio de Janeiro. Aparece, em vários momentos, no periódico *Correio Mercantil* a doença cólera intitulada de *Judeu Errante*, o que torna significativo o uso para a época.

A cholera-morbus, ou antes o Judeu Errante, não contente de ceifar tantas vidas nas regiões litorais, não hesitou em passar além dessas enormes e alcantiladas serranias, e visitar o pacífico município de Santo Antonio de Parahybuna.⁸

Estamos ameaçados de sermos visitados pelo maldito Judeu Errante, pois apresentando-se na freguesia do Carmo deste município talvez queira estender-se até aqui: Ora Sr. Redator, este lugar não se acha prevenido para receber um tal hóspede; (posto que sem cerimônia) não temos um médico nem um botica.⁹

O negócio nesta vila está muitíssimo paralisado [...] ainda estão aterrorizados da fatal moléstia!

Os empregados da justiça nesta villa estão em santo ócio, porque não há que fazer algum; ninguém mais briga: tudo está em perfeito silêncio! Parece-me que todos estão magnetizados pelo terrível *Judeu Errante*!¹⁰

Levando em consideração que o folhetim de Eugène Sue desenvolve o cólera como metáfora da destruição do judeu errante que arrasa tudo por onde passa, visto que na obra, a epidemia da doença coincide com a chegada deste personagem em Paris, a expressão, ao ser despreendida do romance, toma força e metaforiza a “morte”, ao contaminar tudo por onde passa. A leitura ideológica do autor francês potencializa a disseminação antissemita e contribui para cristalizar a relação do judeu com a peste figurando como personagem amaldiçoada. Logo, na imprensa fluminense, a cada alusão à doença, o termo mimetiza os estigmas dos judeus e seus paradigmas tradicionais, tornando-se uma arma e uma propaganda ideológica, ao vincular o nome à característica devastadora, maléfica e mórbida da doença.

⁸ CORREIO MERCANTIL, 31/01/1856.

⁹ CORREIO MERCANTIL, 18/12/1855.

¹⁰ CORREIO MERCANTIL, 27/02/1856.



Há, desse modo, uma mimetização repetitiva sobre a imagem dos judeus, sendo que as repetições tendem a consagrar as imagens negativas deste grupo, consolidando novas percepções sobre o universo judaico. Sendo assim, a versatilidade da escrita jornalística recontextualiza o mito, de maneira que todas as características analisadas se agregam na assimilação à medida que estabelecem paradigmas de estereótipos dos hebreus.

Também escrito nesse momento de reinvenções antissemitas, o romance *As minas de Prata* não recupera exatamente a figura do judeu errante, mas traz nas suas representações os possíveis significados sobre o personagem lendário e mítico. Na prosa alencariana, os judeus perambulam em busca da pátria, em busca do seu espaço, contudo, após grandes esforços para transformar o território português em sua terra, não conseguem êxito, e são castigados ou expulsos da América Portuguesa. A imagem do “errante” também é construída na trama, ao lado de noções de desafio, rebeldia, castigo e salvação, extraídos do mito e das narrativas desse povo, que acrescentaram ao processo de reinvenção da história da nação brasileira questões relativas ao poder espiritual.

A ação narrada explora os conflitos entre os países estrangeiros e a colônia portuguesa que herda os problemas religiosos da União Ibérica com os protestantes, o que desencadeiam os esforços pela unificação da pátria legitimada pela unidade religiosa. O movimento de purificação cristã também refletiria a administração da monarquia católica. Ainda que represente a ambiguidade do período, com a fuga de judeus para Portugal e para a capital baiana e a desestruturação do catolicismo, a solução encontrada pela obra é o revigoramento do catolicismo. Para tanto, consonante com o discurso antissemita de longa tradição na literatura do ocidente, a narrativa de *As minas de prata* fixa as imagens do judeu como traidor, conspirador e contrabandista e, na volta aos seiscentos, a narrativa deixa brechas para os oitocentos, uma vez que os problemas com os judeus assolam o momento de produção de Alencar. Ora, a representação do registro histórico do passado colonial pensado pelo autor favorece a ideologia do Império, e sintoniza-se com as querelas levantadas na imprensa.

2 O judeu na imprensa fluminense e as querelas do Império

O diálogo de *As minas de prata* com os jornais circunscreve-se no mesmo plano de representação dos estereótipos dos judeus como traidores, conspiradores e, sobretudo, não-cristãos que circulam na época. Isso porque as notícias cambiáveis entre a imprensa nacional e internacional proporciona uma articulação entre a esfera cultural e política que propaga com mais teor o assunto dos judeus, haja vista que, em meados dos oitocentos, o folhetim de Sue já auxiliou na difusão do imaginário ocidental sobre os hebreus.



A efetivação da literatura antijudaica na imprensa fluminense de meados do século XIX é formada pela circulação, então, de textos defensores da religião cristã no Brasil, que, junto à circulação de publicações nacionais ou estrangeiras que revisitam e debatem os textos bíblicos ou fazem alusões a festividades Católicas, retomando os estigmas tradicionais do povo judeu, estimulam a contínua interpretação da imagem desse povo nos jornais. A divulgação significativa dessa literatura surte efeito no Império Brasileiro, articulando-se com os problemas locais concernentes à concessão de liberdade religiosa e à colonização por meio de imigrantes não católicos.

Dessa forma, a representação dos judeus na obra de Alencar toca nos paradigmas que tipificaram e estereotiparam a figura dos judeus no mito cristão, os quais são redimensionados nas inquietações contemporâneas ao autor, relativas à expansão dos judeus e sua conquista política, ao lado de um movimento de contestação e oposição a esse grupo.

No *Correio Mercantil*, as temáticas sobre os judeus no Brasil e no mundo gravitam em torno da sua influência na vida religiosa, e suas restrições quanto à atuação na política. Assim como os jesuítas concorriam com o poder temporal, os judeus eram temidos por sua concorrência religiosa e política e, principalmente, por deterem poder financeiro. Os aspectos polêmicos dessas questões são inseparáveis da faceta monstruosa e negativa dos hebreus formulada na contramão do cristianismo. Protagonizando sentidos diferentes de uma mesma literatura, jesuítas e judeus forjam representações que remontam às origens do seu mito, provocando as mais diversas reações. No aspecto de similitudes, o posicionamento retrógrado de ambos se potencializa, conforme são alvos de contestação e de oposição. Dessa forma, antijudaísmo e antijesuitismo podem ser encarados como manifestações que acompanharam a reafirmação e a expansão da religião cristã nos diferentes espaços nacionais. Enquanto o primeiro fenômeno faz parte do lado reverso e negativo da história do mito cristão, o segundo desenvolveu-se em todos os cenários em que os loiolanos tiveram alguma ação. A compreensão das causas que estão nos primórdios destas construções negativas auxilia-nos a entender as imagens sobre esse povo na imprensa, e, principalmente, na obra de Alencar.

Na imprensa, detectamos a predominância de um discurso negativo sobre os judeus, no engendramento de um amplo processo depreciativo, configurando ora os descendentes dos hebreus ao lado de leituras negativas sobre os jesuítas, ora na leitura cristãos X judeus, emblemática da religião cristã, ora como cidadãos impossibilitados de exercerem seus direitos civis.

No *Correio Mercantil* da década de 1950, a circulação dos judeus no reverso e/ou na mesma esfera da Igreja Católica demarca uma leitura constante desse grupo-étnico: sua aproximação ou distanciamento dos possíveis significados dos escritos católicos e seus redimensionamentos religiosos. Essa dualidade é construída por meio de



discursos e representações ambíguas, a partir de distintas rubricas jornalísticas: Exterior, Notícia do exterior, Cartas ao leitor, Publicações a pedido, Folhetim, o que pode ser associado à diversidade de prosa que fixa variedade de manifestações e pontos de vista. Se, por um lado, detectamos multiplicidade de vozes, por outro, evidenciamos tendências e críticas consensuais, que coadunam a dispersão dos judeus pelo mundo e seu forte poder econômico com convivências de paradigmas e dogmas religiosos. É possível distinguir um paradigma mais geral, rearranjado segundo estratégias da Igreja Católica.

Nesse sentido, encontramos os judeus relacionados às comemorações cristãs, às releituras bíblicas, ao movimento de contestações religiosas. Também nos deparamos com comentários sobre a força de sua religião, como um poder simbólico que os diferencia e lhes dá forças para lutar por seu espaço. Se sua religiosidade, ainda que não seja única e homogênea, é responsável por identificá-los por intermédio de um discurso consensual, de outro lado, ela também é responsável por sua marginalização.

A publicação do folhetim de Eugène Sue *Os mistérios do povo*, na década de 1950, é representativa nesse momento, ao trazer a história de Jesus de Nazaré. A tradução para a língua portuguesa e sua publicação ao lado de notícias francesas que tratam dos judeus, com outras que discutem a situação civil judaica em países europeus, auxiliam a compreender possíveis sentidos desse grupo étnico. Por um lado, são aceitos, principalmente, por terem, alguns, algum poder aquisitivo, caso do Brasil, por outro, são constantemente repudiados e evitados no âmbito civil, por sua religião.

Se na leitura bíblica os descendentes dos judeus são culpados pela morte de Jesus, a readaptação dessa tradição literária bíblica no folhetim de Sue reavive o mito antijudaico, dando a compreender as causas da origem da sua formulação negativa baseada no julgamento do papel dos judeus na sociedade romana, resgatada, sobretudo, pela imagem de assassinos.

Em *Os mistérios do povo*, o capítulo “A cruz de prata ou o carpinteiro de Nazareth” é atravessado pela ideia-chave que marcou a história dos judeus ao longo de suas reescritas, a ideia do povo que traiu e matou Jesus. O estigma do povo traidor, amaldiçoado, execrado, se implementa no folhetim de Sue, inoculando a nefasta influência desse grupo para a sociedade, seja romana, ou a de outros tempos. Após a publicação desse capítulo, o autor escreve uma carta a seus leitores explicando sua intenção, ao rerepresentar a história do Império Romano. Segundo o texto “O Autor a seus leitores”, a narrativa ficcionaliza o personagem “Jesus” como o primeiro reformador social da sociedade, em confronto com o estado de decadência do Império Romano:



Antes de chegarmos à era cristã empreendi dar-vos uma ideia dessa monstruosa sociedade romana que escravizava, corrompia e aterrava o mundo. [...]

Essa surda e ameaçadora ardência de insurreição contra a dominação romana lavrava no meio de todos os povos, quando ao mundo se revelou Jesus de Nazareth.

Tentei no episódio de Cruz de Prata, [...] por em ação os principais acontecimentos da vida sublime de Jesus, e mostrava-vos esse Cristo, tão divinamente adorável [...]

Ora, como haveis visto, caros leitores, pelas citações irrecusáveis dos evangelhos, Jesus de Nazareth não foi só um admirável reformador social e político, mas também um reformador religioso, e, posto professasse ele a religião judaica, ele reprovava e desconhecia certos dogmas, certas práticas religiosas, consideradas pelos sacerdotes como indispensáveis à salvação: foi portanto incessantemente atacado, execrado pelos Fariseus, e finalmente entregue à morte a pedido deles, por ter querido, segundo eles, derribar a religião, dissolver a família, e atentar contra a riqueza e a propriedade individual.

[...] A sublime doutrina de Jesus resume-se nestes princípios: o amor do próximo, a igualdade entre homens, a caridade.¹¹

A discussão metaficcional de Sue deixa entrever sua leitura e inclinação à escrita religiosa, ao ressignificar e atribuir sentidos aos textos bíblicos, que a seu ver, passam a ser dosados por um alto teor de dimensão social, transformando “Jesus” no primeiro reformador, e mitificando suas ações, as quais se diluíram no decorrer das mudanças socioeconômicas. A representação dos judeus, na contramão do Salvador, protagoniza uma sociedade doentia marcada por sucessivas práticas que privilegiam um determinado grupo. Nesse sentido, a escrita do romancista francês permite estabelecermos um paralelo entre o decadente Império Romano e a sociedade francesa oitocentista, a qual também precisava de reformas sociais, ponto no qual Sue provoca debates e reflexões polêmicas.

O folhetim de Sue apenas levanta as raízes da literatura dos judeus, filtrando-a sob o ponto de vista social. Outras versões literárias ganhariam o palco da imprensa, aliás, a narrativa de festividades religiosas cristãs intensificaria o posicionamento antijudaico. As comemorações religiosas, sobretudo, a Semana Santa, são

¹¹ CORREIO MERCANTIL, 02/11/1850, p. 1, 2.



literalizadas e comentadas na década de 1950, e a figura dos descendentes judeus ora aparecem como vilões, ora integram as celebrações.

No folhetim *Memórias de um caixeiro*, publicado por Braz Fogacho na *Pacotilha do Correio Mercantil*, o capítulo “A Semana Santa” reavive a procissão como uma forma de redenção para os judeus, da mesma forma que *As minas de prata* também trabalha a resignação com este povo dentro da possibilidade de conversão. Assim, nesses textos, as imagens recriadas e forjadas da Igreja Católica correspondem às fronteiras de sua complacência e tolerância com os descendentes dos hebreus. Paralelamente, no romance alencariano, o padre Molina, ao mesmo tempo em que ataca os judeus, também mostra sua benevolência com os convertidos, abrindo brechas para atrair outros judeus ao cristianismo.

Também encontramos releituras da imagem do judeu na recepção de “Lendas e narrativas”, de Alexandre Herculano, que, ao trazer um breve panorama do livro, indicando o pano de fundo histórico e os personagens que aparecem, ao lado de comentários sobre outras obras do autor português, caracteriza uma determinada época, na qual os judeus aparecem como personagens “covardes”:

Mas o que desde logo se percebe é o grande fato histórico de A. Herculano. Naquele fragmento escolhido no longo período do reinado de Fernando I, em alguns valentes e vigorosos traços, compreende-se a tibieza de Fernando, a ambição feroz de Leonor Teles, a avidez humilhante e covarde dos judeus [...].¹²

Ainda no plano cultural, encontramos a apreciação de uma peça intitulada “Judeu”, de Racine. “O enredo consiste em um homem matar uma porção de famílias à fome e à sede, dando-lhe dinheiro para matar a sede e a fome! À primeira vista parece isto uma burla, mas é como um [sic] digo! No fim da tragédia morre o judeu com a barriga em cima da burra e uma bola de pão nas unhas.”¹³

A porosidade jornalística permite que as crônicas e os romances-folhetins que trazem uma temática judaica, ao articularem a poeticidade do jornal articulada com a recepção literária e dramática sobre assuntos próximos, possam dialogar com as publicações na parte de superior do jornal, de maneira que para o leitor daquela época, a esfera cultural se coaduna com o noticiário político e econômico que coloca em cena o povo judeu. A narrativa literária compreende formas e adaptações do mito dos judeus, entrando em consonância com o noticiário consumido pelo leitor.

Na parte superior do jornal, publicam-se várias notícias sobre a expansão do povo semita, de forma que os recortes nos permitem reconstituir um eixo referencial sobre

¹² CORREIO MERCANTIL, 31/03/1852, p. 2.

¹³ CORREIO MERCANTIL, 22/02/1857, p. 2.



o grupo, o qual mostra as propriedades de sua disseminação por vários países do globo, tendo como âncora de sua atuação uma tradição arraigada numa literatura antijudaica. Objeto de críticas e de polêmicas, os judeus noticiados no jornal são apresentados como um povo que ainda não consegue definir-se e restaurar-se em lugar nenhum.

A importância das repercussões dessas notícias é dada pela potência econômica da Inglaterra, que passa a ser exemplo para outros países. Os judeus tornam-se, desse modo, protagonistas de debates e de discórdias em diferentes espaços nacionais. Em Frankfurt, declara-se que modificou-se a constituição e os judeus passaram a ser eleitores, contudo, não podem exercer nenhum cargo que tenha relação com o ensino da religião cristã.¹⁴ Na Prússia, foi proibido aos judeus o exercício de cargos civis.¹⁵ Da França, o *Correio* publica uma crítica política do *Courrier*, na qual se identificam as artimanhas e a conspiração do governo contra a França Republicana e contra o povo, bem como a máquina corrupta na esfera política do país. Os judeus integram o lado corrupto da população, contribuindo para construir a conspiração contra o país.

Até esse momento, os judeus despertam a atenção ou mesmo a curiosidade dos leitores, figurando em distintos locais e situações, e lutando por seu espaço. Em meio a esses debates, o próprio Alencar, na crônica *Ao correr da pena*,¹⁶ faz uma crítica negativa na qual os judeus entram como objeto comparativo. O autor reflete sobre “o destino das glórias desse mundo”, comentando as críticas às cantoras líricas e o brilho da cantora Charton, bem como o apagamento e o esquecimento de pessoas que foram famosas. Nesse refletir, ele tece uma comparação entre o contexto das glórias e de sua queda com o dos judeus, que perderam seu espaço e passaram a vagar, misturando-se com outros povos. Esse vagar sem rumo, sem brilho, seria comparável a uma grande personagem famosa que perde *status*: “Os abissínios foram um povo da antiguidade que, como os judeus, perderam a sua pátria e se espalharam pelo mundo, misturando o seu sangue a todas as raças.”

Vale, aqui, abrir um parêntesis para observar que essa simples comparação pode ser interpretada da própria situação dos judeus circulantes nos jornais, no folhetim *O judeu errante*, de Eugène Sue, o que anteciparia a construção dos hebreus no período colonial da obra *As minas de prata*. As significações transpostas das origens da literatura antissemita encontram-se nas próprias palavras de Alencar em *Ao correr da pena* e articulam-se com um contexto internacional e nacional na caracterização do seu romance. A imagem dos judeus presos ao campo da decadência de um personagem que já teve sua glória articula o trajeto dos judeus na sua narrativa

¹⁴ CORREIO MERCANTIL, 8/10/1853, p. 1.

¹⁵ CORREIO MERCANTIL, 26/10/1853, p. 1.

¹⁶ CORREIO MERCANTIL, 17/06/1855, p. 1.



literária, uma vez que o povo hebreu no seu infinito caminhar quase consegue tomar um país, porém, fracassa e continua perambulando na sua decadência.

O discurso de oposição face à expansão dos descendentes hebreus e a outras denominações religiosas articula-se com a questão da colonização no Brasil. Representar a Igreja Católica diante de colonos protestantes se coloca como um ponto problemático. Entender essa questão é importante na medida em que nos possibilita aprofundar os possíveis diálogos da representação do período colonial em *As minas de prata* com os dilemas das esferas religiosas e políticas oitocentistas. Na narrativa, a união entre judeus e protestantes é interpretada como uma ameaça à unidade territorial, ao passo que, nas representações da escrita jornalística, os judeus e protestantes aparecem em contextos aproximados, encarados como povos que, por oferecerem-se como alternativas de mão-de-obra no Brasil, suscitam embates. Tendo como eixo referencial as reflexões entre religião e colonização, tais questões estabelecem pontes interpretativas entre distintos períodos.

Os debates relativos à colonização passam pela pauta da imigração protestante, gerando polêmicas e controvérsias. Dentre eles, destacamos o tom sarcástico de uma publicação de *Correio Mercantil*:

O redator da *Semana Cathólica* acaba de resolver, com um eloquente rasgo de pena, o problema que tantas dores de cabeça tem causado nos nossos conselheiros de Estado, ministros, senadores, deputados e jornalistas. Em um país católico não se devem admitir protestantes: é por isso que o Papa está disposto a exigir, por exemplo, do imperador da Áustria que faça sair dos seus estados os sete milhões de gregos, protestantes e judeus que e ali poluem o catolicismo.¹⁷

A partir desse trecho, o jornal comenta ironicamente algumas posições retrógradas de outros periódicos contra os protestantes no Brasil, como o fato de tomarem a postura de apenas aceitar jesuítas, capuchinos e outras ordens religiosas. As reflexões acerca da mão de obra no país é um entrave tanto para o discurso jornalístico quanto para o ficcional. Uma vez que os paradigmas sobre o que é ou não brasileiro não sustentam um discurso consensual, mas antes, impõem-se como formas de perpetuar o ideal nacionalista, acabam por revelar suas crises em meio à imprensa e à tentativa de conferir legitimidade à política nacional via ficção. Assim que surge a primeira crise, eles se esfacelam e atingem as vias alternativas da resposta alencariana de conversão dos judeus ao catolicismo e de expulsão de outros, o que, por meio do discurso irônico da imprensa, demonstra a falácia dessa resposta. Por sua vez, a escolha de tolerar os cristãos-novos veiculada por *As minas de prata*, pode ser pensada

¹⁷ CORREIO MERCANTIL, 19/02/1857.



como estratégia para apontar não apenas o lado redentor da religião, mas também tirar proveito do poder econômico dos hebreus.

Conclusão

Tentamos recompor, neste artigo, um dos campos de referências antijudaicas que fornecem uma rede de significações aos leitores dos oitocentos, tendo como ponto de partida a obra de Sue e sua circulação na imprensa periódica e suas reverberações nas apropriações da narrativa alencariana. Uma vez que os escritores buscam uma representação identitária que marginaliza os povos diferentes do paradigma cristão, a resposta alencariana mostra-se sempre ineficiente para expressar a mistura cultural e étnica do país.

Por sua vez, serve à manutenção ideológica política do Império e sugere possíveis caminhos para a ameaça ao cristianismo, conversando com as discussões mediadas pela imprensa sobre colonização e imigração. Para Alencar, as concepções sobre “como e o que é ser brasileiro” passa por representações e imagens articuladas com a miscigenação de etnias e religiões, influenciadas pela esfera pública, e, na contramão, influenciam as discussões no âmbito político.

Referências

BERGERMAN, Maria Augusta de Toledo. *Máscara e personagem: o judeu no teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*, São Paulo: Global, 2002.

LEROY, Michel. *O mito jesuíta*. De Béranger a Michelet. Trad. José Eduardo Franco e Ana Santos, Isabel Gomes e Sofia Geraldés. Lisboa: Roma, 1999. p. 248.

Recebido em: 30/03/2018.

Aprovado em: 30/04/2018.